

Entrevistando Thiago Torres, o “Chavoso da USP”

Entrevista¹: Bruno Miranda, Jadir Carneiro²



Aluno de Ciências Sociais da USP, palestrante, *youtuber* e *podcaster*, Thiago Torres, pelo seu estilo característico dos jovens da periferia de São Paulo, é mais conhecido como “Chavoso da USP”. Chavoso tem mais de 120 mil seguidos no Instagram e no Youtube e tem ganhado espaço nas plataformas digitais e redes sociais pelos seus conteúdos com abordagem crítica e social, trazendo para esses espaços debates pertinentes à sociedade brasileira, pelo olhar de um jovem que ousou ir de sua “quebrada” para a maior Universidade da América Latina. Nessa entrevista ele conta um pouco mais de como é viver entre essas duas realidades.

1 [ROF] Quem é Thiago Torres? Qual sua trajetória estudantil/acadêmica e como surgiu o apelido Chavoso da USP?

Chavoso: Tenho 20 anos, nasci e cresci na Brasilândia (extremo norte de São Paulo), filho de pais nordestinos, migrantes nordestinos, cresci na feira “trabalhando” com eles, estudando em escola pública estadual sucateada, sem muita perspectiva de futuro, em um primeiro momento. Até que o meu pai retoma o interesse pelos estudos, ele que tinha largado a escola na 8ª série para trabalhar, quando veio para São Paulo. Ele voltou a estudar e começou a me incentivar, me encorajar, a estudar e a fazer uma Universidade. Na adolescência, a gente se

¹Entrevista realizada em Agosto/2020.

²Ambos são Mestrandos do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (bruno.corrente32@gmail.com - carneiro.jadir@gmail.com).

mudou para Guarulhos (região metropolitana de São Paulo). Aí no 3º ano do ensino médio, eu fiz um cursinho popular e consegui passar na USP. Eu não tinha muita pretensão de passar na USP, porque não era algo dentro da minha realidade, nunca imaginei que fosse possível, mas eu entrei no curso que eu queria, que era Ciências Sociais. Aí, eu estou lá no meu terceiro ano. No segundo ano eu fiz um texto que viralizou no Facebook, onde eu desabafava sobre as dificuldades de ser uma pessoa pobre e periférica e estudar na USP. A partir desse texto, devido à minha aparência, porque eu coloquei uma foto minha sentado no chão e atrás uma placa da USP, e como eu tenho esse estilo que aqui em São Paulo é chamado de Chavoso, que é o funkeiro paulista, as pessoas começaram a me conhecer e me chamar por Chavoso da USP.

2 [ROF] Em uma de suas entrevistas você diz: “permanecer na USP é mais difícil do que entrar”. Por que você afirma isso?

Chavoso: Então, na verdade tanto entrar, quanto permanecer é difícil. Eu não sei se dá para medir o quão difícil, mas ambas, para nós, são muito difíceis. Mas para entrar, pelo menos agora, tá tendo um pouco mais de “ajuda”, porque a gente tem cotas sociais, cotas raciais, tem o ENEM, enfim, tem algumas (entre muitas aspas) “facilitações”. Mas depois que você entra lá dentro, você fica – dependendo do caso –, abandonado. Algumas universidades abandonam completamente o aluno e ele tem que se virar sozinho, outras oferecem alguma ajuda, mas que é insuficiente. A USP é uma das que oferecem alguma ajuda, mas que é insuficiente. Por exemplo, o auxílio financeiro da USP é 400 reais, que pessoa adulta na cidade de São Paulo consegue sobreviver com 400 reais? Porque nem alugar uma casa você consegue com esse valor. Se você quiser alugar uma casa com 400 reais, você vai alugar no máximo um cômodo em alguma casa na periferia de São Paulo. E se for para você morar na periferia e estudar na USP, você vai continuar tendo dificuldade, que é o meu caso, porque você vai levar de 1h30m a 2h/3h para chegar na Universidade. Então a gente já tem um problemão aí. Ou você pode morar lá no CRUSP, já é uma burocracia enorme para você entrar no CRUSP³ e se você consegue entrar lá, você perde o seu passe livre do ônibus e do metrô. Lá não tem máquina de lavar roupa, não tem fogão, não tem wifi, então é uma moradia estudantil extremamente precarizada da maior universidade da América Latina, entendeu? Então, o descaso da USP é muito grande com os alunos e se manter lá nessas

³Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo.

condições é muito complicado, porque você é obrigado a trabalhar, não tem como você ficar só com o auxílio da USP. Porque é o que eu falei, você tá com 400 reais, aí você vai alugar um lugar pra morar, tem que ser longe da USP, lá perto você não vai conseguir, dificilmente. E se você for gastar os 400 reais para alugar algum lugar, você não vai ter comida, não vai ter dinheiro para comprar outras coisas, roupa, sei lá, qualquer coisa básica, e vai ter que, mais uma vez, procurar outro emprego. Se for morar no CRUSP, você não pode pegar o auxílio de 400 reais, ou é um ou é outro. E aí, como que você vai estar morando no CRUSP, um lugar que não tem wifi, e você precisa de internet para estudar, e ficar sem trabalhar, então não dá, entendeu? Você é obrigado, sendo pobre, estando na USP, você é obrigado a trabalhar e a conciliar graduação com trabalho, e isso é uma coisa insuportável, é muito difícil. Enfim, aí tem a questão do transporte, que chega a gastar de 1h30 a 3 horas. Aliás, isso só a ida, ida e volta você vai gastar de 3 a 4 horas dentro de um transporte público por dia, até mais algumas pessoas, 5 horas. Então isso é muito desgastante. E aí vem uma série de dificuldades que eu nem estou mencionando, como a defasagem da escola pública e várias outras questões, como a discriminação, mas em resumo seria isso.

3 [ROF] O seu estilo “chavoso” representa a imagem de uma boa parcela dos jovens brasileiros e ainda assim pode ser visto com certo estranhamento dentro da universidade. A seu ver, há algum padrão social/cultural de “intelectual” que tenta ser imposto, pelos próprios estudantes e professores, dentro do meio universitário?

Chavoso: Sem dúvidas, porque a universidade, nos moldes que a gente conhece, é uma importação europeia, não que isso em si seja negativo, o fato das universidades virem da Europa ser negativo, mas o problema é quando todo o padrão europeu é imposto, transportado e imposto para gente. A maioria dos intelectuais que a gente estuda são europeus. Eu inclusive fiz um levantamento sobre isso e contabilizei os autores que a gente estuda no meu curso, e a porcentagem de escritores não europeus é minúscula, a maioria deles são homens, brancos e europeus. Então, existe um padrão de intelectual que é “cultuado” no nosso curso, se você pesquisar no Google uma foto do Durkheim, Weber, Bourdieu, Foucault, você vai encontrar um perfil muito parecido de pessoas, de homens, brancos e europeus. E é nessas pessoas que os professores e alunos de Ciências Sociais se inspiram, eles querem ser como eles. Basicamente existe esse filtro ali, onde você tem que se encaixar nesse padrão, desses autores europeus, e se parecer com eles e falar como eles. Então, eu acredito que a minha imagem e a minha personalidade sejam totalmente destoantes de tudo isso, e é

justamente daí que vem a discriminação. Já não sou branco, já não me visto formalmente, não falo de um jeito rebuscado, então rola muita discriminação sim, mas f***-se né (risos).

4 [ROF] Podemos dizer que o jovem de periferia tem contato maior com um pensamento crítico através do RAP. Em 2018, a UNICAMP adicionou o álbum “Sobrevivendo no inferno”, dos Racionais MC’s, entre as bibliografias exigidas no vestibular. Qual a importância do RAP em sua caminhada e qual a atualidade desse disco?

Chavoso: A importância desse disco é justamente o que vem na primeira frase da pergunta. A gente tem contato com um pensamento crítico através do RAP, então ele tem esse papel extremamente importante na minha vida, na minha formação de me entender, de perceber o meu lugar no mundo, de entender a minha condição enquanto um sujeito periférico, enquanto uma pessoa negra, de criar um senso de coletividade entre os outros moradores da periferia, o RAP, e os Racionais são fundamentais em tudo isso. Eles mexem com nosso sentimento e com nosso intelecto, ao mesmo tempo, fazendo a gente refletir sobre a realidade e fazendo a gente ter esses sentimentos, seja o sentimento de nostalgia, de boas lembranças com a nossa infância, ou tristes lembranças de pessoas que a gente perdeu, ou um sentimento revolucionário. Então o RAP, mano, é fundamental em todas as áreas da nossa vida e comigo não foi diferente. E sobre a atualidade do disco, é sim mano, infelizmente é muito atual. Eu acho que praticamente tudo que é mencionado ali naquele disco de 1997 continua acontecendo até hoje, muitas coisas vão até piorando, para falar a verdade. Algumas melhoram também, como por exemplo, aqui em São Paulo expandiu as linhas de metrô, teve algumas melhoras, alguns hospitais construídos nas periferias, mas muita coisa continua. A questão do genocídio não para de crescer, que é tema central do álbum, então infelizmente é isso, mas os próprios Racionais falavam naquela época, mas aí em outro álbum, na música *A Vida é Desafio*: “500 anos de Brasil e o Brasil nada mudou”. Então se não mudou em 500 anos, infelizmente não ia ser em 20 que ia mudar, mas importante é não perder a esperança.

5 [ROF] Recentemente você publicou um vídeo intitulado: “Esquerda, precisamos falar sobre religião”. Qual o papel das igrejas nas periferias?

Chavoso: É, então, a gente pode ver isso de duas perspectivas. Acho que a igreja cumpre uma função para os moradores da periferia e uma função para a classe dominante, quem

controla a sociedade, aí estou falando tanto dos ricos em geral, quanto dos políticos, que geralmente são os ricos. Em relação aos moradores da periferia, as igrejas cumprem papéis fundamentais na vida das pessoas, papéis que o Estado deveria cumprir. Ele não cumpre e não cumpre de propósito – o Estado propositalmente não chega nas periferias – e as pessoas ficam necessitadas de tudo, isso num nível material, num nível psicológico ou espiritual, e as igrejas estão sempre lá, abertas dia e noite para ajudar as pessoas com tudo o que elas precisarem, tudo o que você pode imaginar. Então, eu não nego que elas tenham um papel muito importante na vida dessas pessoas. E não são só as igrejas, centro espírita, terreiro de umbanda e candomblé, qualquer templo, qualquer espaço religioso que tem por doutrina, ou por filosofia, fazer o bem, fazer caridade, cumpre essa função. Mas, por outro lado, é o que eu falei, essas igrejas também cumprem uma função para a classe dominante – diferente de outras religiões, como a umbanda e o candomblé, que não cumprem. Essas igrejas geralmente, principalmente as maiores (porque tem as pequenininhas, que você bota uma plaquinha lá, qualquer coisa e virou uma igreja), como Assembleia de Deus, Universal, Paz e Vida, enfim, as grandes assim, principalmente a Universal, elas têm donos, que são ricos, milionários, e que são parte da classe dominante ou aliados da classe dominante, aliados de quem controla o país. Tem fotos aí de vários pastores juntos com Bolsonaro, por exemplo. Isso é extremamente problemático, porque quando lideranças religiosas estão aliadas com membros da classe dominante, você vê que a religião está sendo usada como um instrumento de dominação, principalmente o cristianismo, que surge com o intuito oposto, de se opor à dominação, de se opor às elites, e hoje, infelizmente, ele vem sendo usado como instrumento de dominação por muitas pessoas. Então muitos desses pastores, que como falei, cumprem esse papel que era do Estado, eles ao tentar amansar, domesticar, controlar a população pobre, eles estão fazendo isso justamente para que essa população não se revolte contra esse Estado, essa classe dominante, que abandona a população e explora a população pobre. Então existe uma relação recíproca aí entendeu? O estado não chega na periferia, a não ser pela polícia para matar essas pessoas, que são domesticadas pelos pastores, para continuarem mansas e não se rebelarem; ao mesmo tempo em que eles estão ajudando elas, e é aí que eles ganham confiança delas, então é uma relação muito complicada.

6 [ROF] Este contexto de pandemia evidenciou o descaso do Estado brasileiro com a população. No entanto, os moradores de periferias sofrem com esta ausência há muito tempo. Como você analisa a atuação do Estado nos bairros mais pobres?

Chavoso: É inexistente praticamente. As cidades, de um modo geral, aqui no Brasil são pensadas, o centro dela, e no máximo o centro expandido. Os bairros ao redor do centro, quanto mais distante, menos preocupação existe do Estado com esses lugares, até porque geralmente são ocupações irregulares. A gente vive em um país com uma desigualdade brutal, uma desigualdade assim que a gente não tem dimensão e essa desigualdade é proposital. A inexistência de moradia digna para todo mundo é um projeto, é proposital, como pode a nona ou oitava maior economia do mundo não ter moradia para todo mundo? Não levar saneamento básico para todo mundo? É proposital. E o Estado é um Estado controlado por uma classe, todo Estado é controlado por uma classe, e o nosso Estado é controlado pela classe de pessoas ricas, os herdeiros dos barões de café, dos escravistas, são os latifundiários, dentre outros. Então, as periferias no Brasil são lugares abandonados, não é à toa que surgem organizações criminosas e que se fortalecem muito, são os poderes paralelos. E aí, a polícia é a única instituição do Estado que chega com força nas periferias, para “reprimir” esse crime organizado, mas principalmente para exterminar essa população periférica que é considerada um estorvo para essa classe dominante. Ela propositalmente não investe na periferia porque não existe interesse, não existe necessidade, a gente é mão de obra barata e até em excesso, não é à toa que existe uma grande quantidade de pessoas desempregadas no Brasil, porque a população aqui existe para a classe dominante, em excesso, e aí uma boa parte dela vem sendo exterminada, como eu falei, por ser um estorvo, e mesmo quando o estado chega na periferia, através de escolas e hospitais, geralmente são sucateados.

7 [ROF] De que modo você observa a abordagem dos meios de comunicação com respeito à atuação criminosa das forças policiais em bairros periféricos?

Chavoso: Os meios de comunicação têm a função de legitimar tudo isso. Então, tudo isso que eu apontei agora, esses problemas, da desigualdade brutal, ausência do Estado na periferia, extermínio da população periférica, isso é um projeto da classe dominante e a grande mídia é a boca da classe dominante. A partir dessas mídias dominantes, eles vão passar a ideologia deles e convencer a população e que tudo isso é normal, então as atuações policiais são legitimadas. E se ela em si não for legitimada, essa aura de que em torno da periferia é um lugar extremamente violento e criminoso, ela já foi criada pelos meios de comunicação, então ela já tá legitimando antes mesmo que aconteça o que vai acontecer. Então esse é o papel da mídia, infelizmente, ela cumpre esse papel nojento de domesticar a

população, junto com as igrejas, para aceitar essa condição de desigualdade e de extermínio.

8 [ROF] Você acredita que o racismo é algo estrutural na sociedade, ou seja, as estruturas econômicas, políticas, jurídicas demonstram, evidenciam e reproduzem o racismo na sociedade? De que maneira?

Chavoso: Sem dúvidas. A forma como a sociedade brasileira foi construída é baseada no racismo, na desigualdade racial. O que falta as pessoas entenderem é que o racismo não é alguma coisa individual, não é um comportamento individual, destoante, doente, anormal. Não é isso! O racismo é uma forma de estruturação de uma sociedade, baseado principalmente na divisão racial do trabalho. A sociedade brasileira foi construída por uma divisão racial do trabalho, muito bem demarcada. Ela foi construída com a estruturas escravagistas, não só escravistas, mas escravagistas, ou seja, tudo na nossa sociedade, durante os quase 400 anos de escravidão, girava em torno disso, dessa divisão da sociedade, muito bem delimitada, entre brancos, negros e indígenas. E mesmo com a miscigenação e o surgimento de grupos mestiços, eles também tinham lugar nessa sociedade, então cada grupo racial foi colocado em um lugar da sociedade. O grupo racial das pessoas negras, indígenas, mestiças, historicamente sempre foi um lugar de subalternidade, de precarização da vida, de genocídio, prisão, escravização, e isso, como eu falei, sempre permeou todas as áreas da sociedade, porque a sociedade é construída de várias instituições. E qualquer assunto social, político ou jurídico que a gente for falar, o racismo está no meio; as questões econômicas, só ver as profissões que as pessoas negras e brancas ocupam, as diferenças são muito gritantes, quantos por cento dos juizes, promotores são negros por exemplo e quantos por cento das trabalhadoras domésticas, dos lixeiros são negros; vê a renda da população negra, a renda da população branca; questões políticas, quantos por cento dos políticos são negros, quantos são brancos, o quanto a população negra em geral tá por dentro do debate político; as questões jurídicas, quem é mais preso, quem é mais absolvido, quem é mais condenado, quem é mais abordado pela polícia. É o que eu falei, qualquer área da vida, qualquer setor da sociedade brasileira está construído em cima do racismo. Ele foi fundamental para a gente chegar onde a gente chegou hoje. E como disse o Mano Brown na live que ele fez com o Dr. Dráuzio Varela: “*a sociedade brasileira é como se fosse um castelo de cartas*”, isso são as estruturas da sociedade, cada carta é uma estrutura e o castelo em si é a sociedade. O racismo é uma dessas cartas, o racismo é uma das estruturas, se você tirar essa carta, todo o castelo desaba, porque as estruturas estão interconectadas, se você

destrói uma estrutura as outras não vão ficar de pé também porque as estruturas sociais são conectadas. É isso que constrói um sistema, suas estruturas e suas relações entre elas, e é como eu falei, o racismo é uma dessas estruturas, para acabar com o racismo você tem que desmontar toda essa sociedade, que foi construída em cima da escravidão e da exploração e reconstruir outra sociedade, não tem outro jeito.

9 [ROF] Em meio à pandemia do coronavírus, sabemos que grande parte das pessoas que têm sido expostas ao vírus são os trabalhadores negros e pobres. Na sua opinião, como esses fatos traduzem elementos da desigualdade social brasileira? Esse fato, cada vez mais recorrente, tem poder para alcançar e fomentar a luta de classes no país?

Chavoso: A pandemia tem evidenciado tudo de ruim que já existia na nossa sociedade. Então, já existia um contexto de desigualdade racial em todos os níveis da sociedade, como eu falei. E aí, quando acontece a pandemia, ela começa a mostrar tudo isso, na área econômica, você começa a perceber que os trabalhadores que podem ficar em casa, geralmente são brancos, e os que mais estão saindo para trabalhar e se expondo ao vírus, a maioria deles são negros, ou que a maioria das pessoas que mora nas periferias, em regiões com saúde precarizada, insalubres, também são negros, a maioria dessas pessoas que conseguem se tratar e se curar são brancas, e por aí vai. É muito evidente, só não vê essas coisas quem não quer ou quem tá muito alienado, porque é muito nítido. Assim, espero que isso ajude a construir uma visão um pouco mais apurada, sobre a questão da luta de classes, não é necessariamente verdade que isso vá acontecer, que perceber tudo isso vá levar a uma revolução, infelizmente não é tão simples. Mas pode ser que plante uma sementinha aí e que em algum outro momento ela desabroche, mas para isso o trabalho de base é fundamental, para que a revolução aconteça o trabalho de base é fundamental, não é só a piora nas condições de vida que leva a isso, pelo menos não a uma revolução bem-sucedida, mas tudo isso tem que estar aliado com um trabalho de base feito previamente, feito constantemente.